6

PORANDUBAS

"Do tupi, porã'duba; pergunta, notícia, informação, relação" (Aurélio)

BOLETIM INTERNO

Orgão a serviço da Pontifícia Universidade Católica de S. Paaulo — N.º 6 — Outubro, 1977 — Sala de Comunicação 28-A

Solidariedade em poucas palavras

Dom Serafim Fernandes de Araujo, Presidente da Associação Brasileira de Escolas Superiores Católicas (ABESC) e Retor da Católica de Belo Horizonte:

"Na qualidade de Presidente da ABESC, tendo em vista os acontecimentos de natureza policial registrados na última semana vimos à sua presença para, em nosso nome pessoal e no das entidades por nós representadas, prestar a V. Magnificencia e a essa Universidade a nossa solidariedade... estamos solicitando do Exmo. Sr. Ministro do Estado da Educação e Cultura uma audiência, na qual manifestaremos o nosso desacordo por esses lastimáveis acontecimentos que tornam cada vez mais difícil o cumprimento de nossa missão de educadores e a nossa preocupação pela possível instauração de uma estranha rotina em nossa vida acadêmica."

Pe. João Mac Dowell, Reitor da PUC do Rio de Janeiro

"Participando profunda indignação V. Excia. absurda invasão PUCSP condenando violação autonomia universitária vg hipotecamos apoio e solidariedade atitude Reitoria"

Mestre Alceu Amoroso Lima

"Junto meu protesto ao de toda opinião pública contra invasão Universidade ofendendo direito fundamental autonomia universitária"

E' já muito grande o número de mensagens que chegam à PUCSP. Destacamos, entre outras, as da APROPUC da SBPC, ADUSP, Associação de Professores da G.V., ADUNESP Ass. Prof. UNICAMP, AEC de São Paulo, Comissão Justiça e Paz, Associação de Advogados de São Paulo, OAB, UNIPUC, Bispo de Santos, Diretoria do Instituto "Sedes Sapientiae", Equipe Renov, Cerp E' já de conhecimento de Professores Universitários das principais Universidades de S. Paulo e por diversas organizações.

E A REITORIA? E O CONSELHO UNIVERSITÁRIO?

Do Comunicado da Reitoria de 23-09-77

(Conclui na últ. pág.)

Carta às famílias de nossos alunos

Senhores Pais,

Diante da situação em que está sendo publicamente colocada a nossa Universidade, vemo-nos na amarga e necessária contigência de nos dirigirmos aos Senhores Pais e Familiares de nossos Alunos, para esclarecer certas afirmações e insinuações que ferem a verdade e para, assim, tranquilizar as famílias que confiaram seus filhos à Universidade.

1. A Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, tendo sido vítima de brutal agressão física e moral, continua firme no difícil intento de oferecer a seus Alunos uma educação que parta dos valores e dos princípios fundamentais do humanismo cristão, e uma formação profissional digna do nível que, através três dezenas de anos, conseguiu atingir.

2. Em relação às violências físicas a que seus filhos foram submetidos a Universidade só pode lamentar e silenciar. Buscará na justiça aquela pequena satisfação que o Judiciário pode dar a quem foi violentado.

3. Quanto às acusações propaladas de acobertamento e estímulo a atividades, qualificadas de subversivas, de Alunos da PUC-SP, a Universidade se sente no direito e no dever de consciência de afirmar aos Senhores Pais que:

— os órgãos diretivos da PUC não tinham nenhum indício ou conhecimento prévio de que em suas dependêências iria se realizar o chamado III.o Encontro Nacional de Estudantes, no dia 22.

— a PUC, como instituição, nenhuma interferência teve, nem poderia ter, com relação ao ato público de estudantes universitários de S. Paulo, programado e realizado em local adjacente ao campus, em via pública, em frente, e não no Tuca, conforme se diz.

— a gráfica da Universidade só trabalha para fins do ensino e administração, nada tendo a ver com os mimeógrafos, impressora ou material exposto pela Polícia.

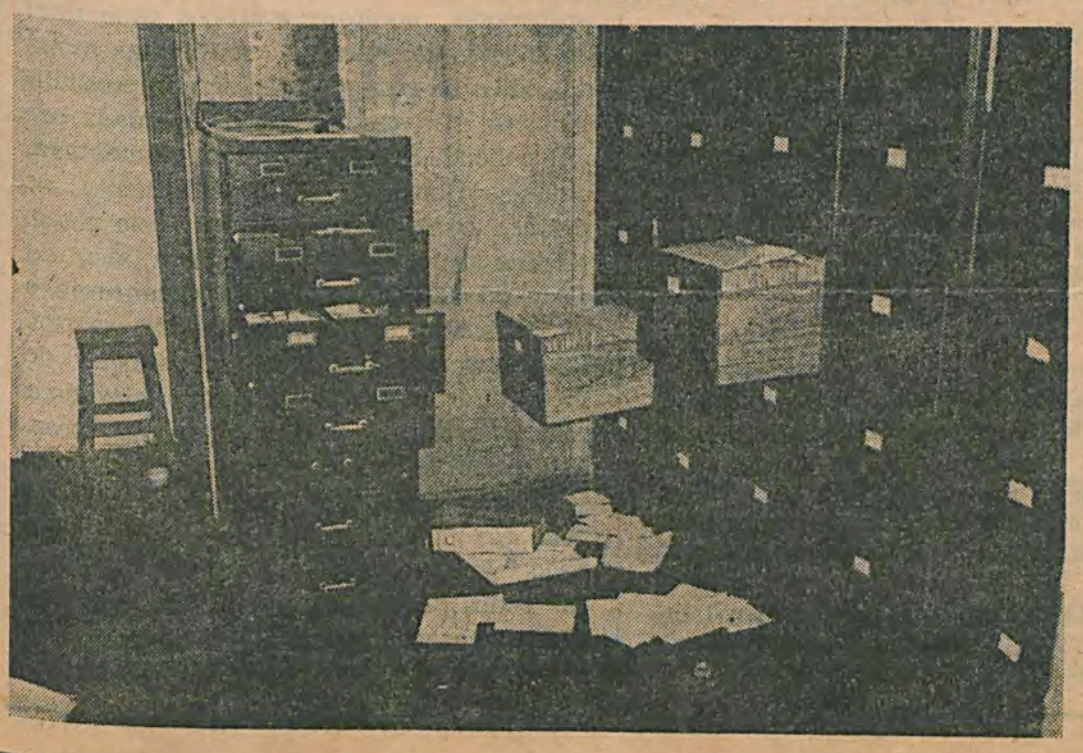
4. Quanto ao material que a policia alega ter encontrado nos Diretórios estudantis é importante que os Senhores Pais saibam que, este tipo de material é encontrado em praticamente todas as grandes Universidades do mundo ou de nosso país, sem que isto signifique necessariamente "subversão" e traduza conivência ou qualquer tipo de aprovação por parte dos Reitores, Responsáveis e Professores.

5. Finalmente, Senhores Pais, é indispensável que saibam que a questão das reivindicações políticas da juventude, em especial da universitária, constitui um dos problemas mais difíceis que os países desenvolvidos ou países em desenvolvimento, como o nosso, enfrentam sem saber encontrar solução. Isto, independentemente e fronteiras ideológicas. Não estamos diante de um fato isolado ou de um mero sistema de crime juvenil. Nas reivindicações dos jovens se refletem os grandes conflitos e tensões que trabalham a sociedade como um todo. Uma Universidade situada em um centro da pujança e dos contrastes de São Paulo não pode deixar de experimentar o impacto dos grandes conflitos do mundo moderno. Essa é a realidade, quer nós queiramos, quer não. O que a Universidade Brasileira, como instituição social especialmente voltada para o estudo e a pesquisa e, por isto, depositária de responsabilidades sociais e históricas às quais não pode fugir, percebe, hoje, é que a força nunca irá solucionar tal problema. O encaminhamento de uma solução definitiva ca,e, evidentemente, a muitos setores e cada um terá sua pracela a dar, mas só a Universidade está em condições de responder a uma parte essencial do desafio. Tal tarefa é difícil, mas possível.

6. Nós, professores universitários e educadores, malgrado tudo, ainda acreditamos. Só esperamos que acontecimentos absurdos e incompatíveis com o grau de civilização de nossa cidade e de nosso país, quais os da noite de 22 de setembro, não voltem a se repetir, tornando cada vez mais difícil o cumprimento da missão de quem trabalha em um setor de ponta da sociedade brasileira.

Atenciosamente, pela Comunidade Universitária da PUC-SP.

Os Vice-Diretores Comunitários



DE MÃOS DADAS

"Fomos colocadas numa perua C.-14 sem sabermos o porquê", assim exprimiam-se as duas auxiliares de Secretaria. Sua sala fora aberta por volta das 22,30 hs. "De nada adiantou dizer que eramos funcionárias. Dentro do carro, não suportávamos mais o cheiro do gás e pedimos a um oficial que abrisse as janelas do veiculo para respirar Alguns minutos depois vimos Padre Edênio e o chamamos, então ele conseguiu que nos levassem para o estacionamento. Mais tarde, fomos identificadas e liberadas. Foram momentos terriveis — eu tinha visto meu marido — (d. Contadoria) passar numa outra fila, mas eu ainda não sabia se ele estava solto ou se permanecia em alguma outra dependência".

Quase no mesmo instante cinco funcionários permanenciam deitados no chão da sala da Xerox como relata o Sérgio — "assim que vimos a correria começar, ficamos com medo de levar algum tiro, ou coisa parecida, então apagamos a luz, ligamos o ventilador por causa do gás e ficamos os cinco deitados no chão, espremidos no canto da parede, esperando que tudo se acalmasse".

Na Biblioteca as quatro funcionárias, trancaram rapidamente as portas, permanecendo fechadas por mais de uma hora, juntamente com 50 alunos que usavam o salão de leituras. "No escuro, em silêncio, esperávamos que alguém viesse buscar-nos. Lá fora aquele barulho de bombas, correria, gritos e falatório. Como passava o tempo e não vinha ninguém, telefonamos pedindo que alguém viesse nos ajudar, pois tinhamos medo de abrir a porta e sermos todos presos. Mais tarde, depois que todos saíram, os guardas pediram-me que os acompanhasse até o salão de depósito dos livros e um deles, obrigava-me a expor meu pensamento a respeito da política atual do país". Eu pensava no meu pai e na minha mãe, que moram no prédio em frente a PUC, e naquela hora eu diria tudo o que ele quizesse".

Enquanto isso, na copa, três funcionários, caladas, assistiam a tudo pela janela viam filas e filas de funcionários e alunos passarem de mãos dadas. Temerosas do que podia lhes acontecer se saissem, posto que percebiam que funcionários também eram espancados, decidiram aguardar melhor momento para a retirada.

.No Laboratório de Linguas, além da Encarregada, outras quatro pessoas, sentadas no chão, no escuro e com o ar condicionado ligado, permaneciam estáticos. Por volta das 22,50 horas, alguns militares acompanhados por funcionários da Economia abriram a porta e identificou-os. "Eu queria sair e ficar ao mesmo tempo — diz o encarregado — eu pensava em minha filha e minha mãe em casa, mas não podia esquecer meu funcionário sozinho lá em cima". Só quando viu seu funcionário solto é que ela pôde correr para tranquilizar seus familiares.

Na Portaria principal o porteiro de olhos inchados, tentava acalmar os últimos que por ali passavam. Sua permanência prolongada sua decisão de não abandonar seu posto de serviço causou-lhe irritações físicas obrigando-o a cuidados médicos por vários dias.

Sentados na terra do estacionamento, aguardando identificação, dezenas de funcionários e professores olham-se atônitos e comunicavam-se em voz baixa: — "O que acontecerá agora?" perguntavam-se todos . Aos poucos foram liberados.. Funcionários da Assistência Administrativa formaram um comitê de identificação de funcionários e professores.

Dos prédios vizinhos ao redor de nosso "campus" familias inteiras desciam e vinham trazer-nos a oferta de seus lares e seus telefones para que nos comunicássemos com nossos familiares.

Assim expressaram-se diversos colegas que viveram, sentiram e assistiram o que se passou, dentro da PUC, na noite de 22 de Setembro de 1977.

Do grande choque, restou em todos a imagem de uma grande fila de funcionários, professores e alunos, todos de mãos dadas, sendo despejados de sua casa.

De mãos dadas expulsaram-nos e de mãos dadas retornamos no dia seguinte para reiniciar nosso dia-a-dia. De mãos dadas mostramos que o sofrimento que tentaram nos impingir serviu de areia e cimento para fortificação de nossa casa, casa esta que, se alguém quis derrubar, aí a tem viva, pulsante e forte

Funcionário da Seção de Pessoal — PUC

Impressões dos Alunos

DIREITO PUC 4.o, manhã, "sem me dar conta, vi o Ato violentamente reprimido, no início através de bombas, que nos atiraram pelas costas. Acudi as meninas que estavam queimadas e pisoteadas pela correria. Nesse momento quando eu pedia por um médico, fui obrigado a deixar as meninas na calçada, pois fui preso e colocado em uma viatura. Fui um dos primeiros e pude ver quando os alunos eram retirados do estacionamento, apanhavam antes de ser colocados nas viaturas, principalmente os negros.

DIREITO PUC 3.o noturno, consegui escapar, pela Ministro de Godoy no instante em que o ataque começou. O ataque foi para reprimir os estudantes, mas a invasão foi para manchar nossa reitoria, que é liberal e democratica; e para desrespeitá-la praticaram atos de vandalismo".

ADMINISTRAÇÃO PUC 4.o noturno "assistiamos aula normalmente, e escutamos estouros, aquele barulhão todo. O professor mandou, a gente ficar calmo nas carteiras. Entrou um soldado vestido diferente, jogou uma bomba de gás e começou a gritar para que saissemos. As meninas da frente choravam e fomos saindo, e no corredor batiam na gente, sem nenhum motivo.

REAÇÕES

HISTORIA USP 3.o tarde "estava telefonando dentro da PUC, e no momento em que subi a rampa, para ir ao Ato Publico, não consegui chegar, as pessoas correndo em desespero para dentro da escola. Corri junto, nos escondemos numa sala de aula, no predio velho, em seguida a tropa de choqu invadiu a sala, jogou uma bomba Nunca imaginei que a PUC fosse invadida, principalmente desta forma, quebrando tudo. O clima no estacionamento era de campo de concentração".

HISTORIA USP Diretoria AUPHIB "nós estavamos, na universidade para conversar com um Professor a respeito de uma mesa redonda, que iriamos realizar no dia 24, Tuquinha, em seguida ficamos em frente do TUCA, fugimos com as bombas e acabamos acuados no 4.o andar do predio novo. Realizamos rápida reunião, decidimos descer e fomos presos, conduzidos violentamente ao estacionamento

A invasão foi para descaracterizar a PUC, como um aviso, pois cumpre funções de universidade democratica".

DCE Livre PUC "a repressão não foi somente ao ME, mas também para a PUC, por ser instituição atuante e democratica".

DCE Livre USP "a repressão visava calar todos os setores que se manifestam e organizam-se livremente"

A DURA LIÇÃO

No que tange ao corpo docente, houve inicialmente um sentimento de pânico para alguns chegando a proporcionar, segundo depoimentos, séria reflexão acerca do preparo interior para certas situações-limites. Além disso a dolorosa sensação de impotência diante do apelo de alunos que nos professores viam uma tábua de salvação diante da ameaça. Era tal a correria e confusão que não havia condição de os professores dialogarem com as pessoas, tal a dificuldade de se encaminhar algo e de ser ouvido

PREDIO NOVO

Na sala 322 cerca de 30 professores reunidos avaliavam a situação, quando avisou-se que a Universidade estava cercada. Quando desciam a rampa, ouviram barulho de bomba e teve-se a impressão de que o TUCA pegava fogo. Viram alunos sendo tocados por agentes e vários voltaram para a sala de reunião, onde aguardaram sentados a entrada de agentes no recinto, feita de resto de maneira bastante tempestuosa. Um professor avisou-lhes repetidas vezes que lá estavam em atividade didática e exigiam segurança. Todos descem com tranquilidade até o 1. andar, onde se forma uma comissão com 3 professores para ir dialogar com o Secretário de Segurança, enquanto os outros aguardavam apesar das ameaças de entrarem na fila. Um membro do grupo, que mostrou a carteira de trabalho teve-a aprendida e forçado violentamente a dar a mão aos que subiam. O resto do grupo chegou ao estacionamento onde era liberado mediante apresentação de documento ou indicação de um Vice-Diretor de Centro. Lá pelas 3 h. da madrugada, quando o prédio foi liberado, autoridades universitários fizeram a vistória do prédio acompanhados de um policial que não conseguiu esconder sua confusão diante dos estragos.

PREDIO VELHO

Enquanto isso, um segundo grupo de professores, monitores e alunos, num total de 35 pessoas, estavam confinadas numa das salas de equipe do Básico, impossibilitados de atravessar a porta, guardada por um policial. Dentro a tensão aumentava, ouvia-se o barulho do arrombamento de portas, correria de soldados pelo páteo, ofensas aos que subiam a rampa, além da visão do arrombamento do restaurante e da violência indiscriminada às pessoas. Posteriormente, devido à intervenção de Vice-Reitor, conseguiu-se de um delegado a colocação de um policial mais respeitoso. Este permitiu que se abrisse a porta e que as pessoas saíssem, sufocadas que estavam pelo gás lacrimogêneo, que representava risco sobretudo para uma professora grávida. Todos permaneceram na sala desde às 22,00 hs. até às 23,30 hs., quando foram libertados sem entrar no estacionamento.

ANÁLISES

FLÁVIO BIERRENBACH

"A invasão da PUC, executada com requinte de perfeição pelo aparato repressivo no dia 22-9 significa um verdadeiro ultraje ao pouco que nesta de autonomia universitária neste pais. E' necessário neste momento realizar uma grande manifestação de desagravo à Instituição atingida como expressão também de apoio e solidariedade aos estudantes, aos professores, aos funcionários, à Reitoria da PUC como expressão do ideal de liberdade que a Universidade deve representar".

Prof. da PUC e Vereador

JOSÉ GREGORI

"A independência de um país implica na inexistência de três dependências; I) que esteja assegurada, num dado território, uma estrutura jurídico-política própria; II) que as decisões dos governantes representem efetivamente a vontade da maioria que vive no país, expressa por canais culturais e instituições próprios; III) que a vida econômica se faça de acordo com a vontade da maioria comandada segundo modelos e interesses fixados internamente. A ausência da primeira dependência chama-se soberania; a da segunda, democracia e da terceira, auto-sugestão econômica. A coexistência simultânea dessas três ordens significa independência. No Brasil o Grito do Ipiranga assegurou a primeira, mas as demais ainda estão por chegar. Por isso, não será impróprio dizer-se que o Brasil só será verdadeiramente independente quando a soberania que já existe agregar-se o auto-governo político e o auto-comando econômico".

Advogado, Professor da PUC e Membro da Comissão Justiça e Paz.

JOEL MARTINS

A violência é constante em vários países, não só aqui. Por exemplo, nos EUA, cito caso da Universidade de Kent, Ohio. Recentemente, a Polícia invadiu a Nniversidade, arrancou a própria identificação, para que os estudantes não reconhecessem os policiais pela numeração. Violentaram a liberdade que a Universidade deve encarnar.

Contudo, a diferença entre a nossa experiência de violencia e a dos americanos é flagrante, enorme, pois lá existe justiça, local, estatal, nacional (representada pela Suprema Corte).

Os estudantes vão à Corte e em questão de dias ganham causas contra a violência e contra as próprias instituições. Essa liberdade da Universidade, geral, só existe baseada nos direitos individuais garantidos: isto é que é Direito Humano. Qual a vantagem de se respeitar a liberdade de expressão da Universidade se não se garante o Dir. Humano individual?

Não sou um indivíduo como os outros na Univ. mas son ser-no-mundo-como-os-outros. Acho que este é o momento de se pensar na garantia da defesa dos direitos individuais, que não estão respeitados. Invadiram a Univ. mas há coisas mais sérias. Deve-se encarar os direitos da classe proletária, média (tão alienada de seus direitos, tão indefesa) e a abastada (só preocupada na defesa de seus privilégios, dispensando os direitos), defendidos não só pela Constituinte mas pela honestidade e respeito a ela.

Devems garantir o direito de discordar uns dos outros e ter a segurança pessoal de defesa dos próprios pontos de vista, que a meu ver transcendem as instituições.

No momento devemos garantir que o inquérito vá até o fim; se cada um de nós precisar depor deve ir, até voluntariar-se.

Enquanto não voltarmos ao estado de Direito, mediante a Constituinte, a anarquia vai continuar.

Coordenador Geral dos Cursos de Pós-Graduação — PUC-SP

DALMO DALLARI

"As lamentáveis ocorrências que vitimaram a PUC tão uma demonstração nítida da existência de um grupo tentando criar no Brasil a aparência de um estado de insegurança para justificar a permanência da excessão que muito lhes convém.

E' sintomático que enquanto autoridades paulistas fazem declarações alarmistas, o Presidente da República anuncia a intenção de introduzir medidas liberalistas no sistema brasileiro. Fica óbvio que os agentes da repressão estão querendo impedir a liberalização, mas existem boas razões para se acreditar que perdem seu tempo porquanto a consciência nacional está clamando por abertura democrática e altas personalidades da República já demonstraram que estão sensíveis a esse clamor.

Quanto às violências em si, caracterizam nitidamente o abuso do poder, tanto assim que o próprio secretário da Segurança Pública disse à imprensa que o Estado iria indenizar os danos. Ora, do ponto de vista legal só cabe o pagamento de indenização quando os danos decorrem de culpa, tendo havido portanto, uma confissão pública desta culpa.

Um dado interessante a considerar: a constituição estabelece que não caso de pagamento de indenização pelo Estado por culpa do servidor, cabe ao Estado ressarcir-se do prejuízo cobrando do servidor aquilo que tiver desenbolsado. Resta apenas saber se o pagamento será feito pelas autoridades não sendo justo nem legal que os contribuintes paulistas acabem pagando pelos abusos praticados".

Titular de Teoria do Estado da USP — Presidente da Comissão Justiça e Paz.

CARMEN JUNQUEIRA

Para se discutir a autonomia universitária talvez seja importante sintetizar o papel do intelectual, e suas responsabilidades sociais: não se pode reduzir o seu papel a apenas ao de um analista da realidade social. Cabe-lhe construir a crítica das estruturas contemporâneas e formular caminhos para superação das principais dificuldades que as envolvem. Muito bem, um dos nichos da Sociedade Civil onde esta atividade se constrói, é a Universidade. Garantir a autonomia universitária significaria garantir a formulação do conhecimento, sua transmissão e constante atualização. Mas significa também, a preservação de um locus, onde através do livre debate, da divergência de opiniões e interpretações fermentarem e se alimentarem os ideais humanistas de libertação, de defesa das conquistas do homem, onde sobressai a defesa dos direitos humanos.

Coordenadora dos Programas de Estudos pós-graduados em Ciências Sociais.

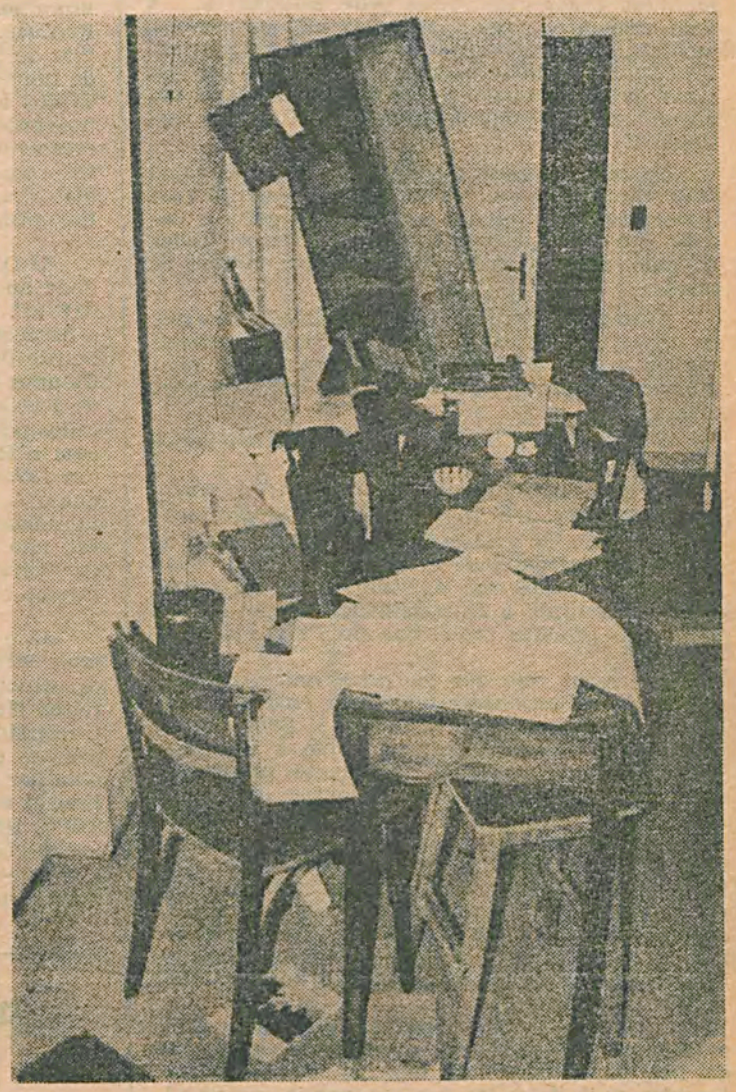
JORGE LAURO CELIDÔNIO:

"O que senti:

a — Como cidadão, aumentou o nó na garganta pelo medo natural, reacendido, porque relembrei a vulnerabilidade do indivíduo perante a força da máquina do poder;

b — como professor universitário, aquele nó se transformou em engulho por saber, impotente, que professores, alunos e funcionários foram arrastados pela violência em plena atividade curricular numa sala de aula;

c — como professor da PUCSP, depois de certo alívio, na 6.a-feira ao saber que alguns dos meus alunos embora arrastados e "emborrachados" estavam todos em casa ou no trabalho, restou-me lamentar não ser dia de minha aula porque se lá estivesse, muito embra provavelmente em nada pudesse mudar aquela violência, teria podido, ao menos acompanhar a todos nas suas agruras. Do acontecido, posso tirar duas recomendações:



I — aos alunos mantenham sua unidade, procurem aumentá-la pois isto é indispensável para a representatividade de suas manifestações.

II — os professores: aproximem-se mais de seus alunos e dos demais professores porque só assim se conseguirá a respeitabilidade da Universidade".

Professor de Direito da PUC-SP — Conselheiro do OASP

WALTER CENEVIVA:

NAÇÃO OFENDIDA

No 1.o ano de Direito Civil, integrado no Curso Básico da PUC, ensinei a meus alunos que um dos vícios do ato jurídico — que o anula e portanto lhe tira toda validade — decorre da violência física ou psíquica.

A ameaça de um mal injusto ou a efetiva prática desse mal constituem gravames tão sérios que na vida civil tornam insubsistentes os negórios jurídicos.

Essa lembrança dos efeitos da coação privada me ocorrem quando pensava na recente invasão sofrida por esta Casa de Ensino Superior. Se a violência praticada entre pessoas é contrária ao Direito a que decorre da atuação do agente público é oposta à essência mesma do pensamento jurdico.

Um dos fins básicos do Estado: o da garantia dos direitos da coletividade e dos indivíduos é mais gravemente ofendido quando seu agente invade, viola, quebra, rompe, fazendo do conceito de **domicílio** letra morta e da **autonomia universiaária** um ideal que pode ser bom mas não aqui. Nenhum sistema jurídico pode subsistir sob tais contradições. Quando elas ocorrem, não é a universidade Católica a ofendida: é a própria Nação.

Prof. e advogado da PUC e Secretário da OASP.

"PORANDUBAS"

Rua Monte Alegre, 984 Tel.: 65-5151 — Ramal 343

EXPEDIENTE: Chefe da Sala de Comunicações: José Queiroz

Redator-Responsável: Jorge Claudio Ribeiro
Diagramação: Sala de Comunicação

Composto e Impresso no "Grupo Impressor de São Paulo Ltda."

Rua dos Italianos, 463 — Fone: 221-6929

D. PAULO: «CORAGEM!»

Às 10 hs. do dia 27/9, 3.a-feira, D. Paulo, acompanhado de D. Benedito fez uma visita à PUCSP, onde compareceu aos locais invadidos, aos DAs. Durante todo o trajeto foi cumprimentado e até ovacionado pelos estudantes. A todo momento perguntava como iam as pessoas, mostrando especial interesse pelos funcionários. Procurando animar as pessoas, dizendo-lhes palvras de coragem e brincando: como é que vocês deixaram a politicia entrar sem ter feito vestibular?"

Na sede dos Das ouviam-se expressões como "esse cara é incrivel!" e foi carinhosamente acolhido pelas meninas do DAFILE (Filosofia e Letras) que agradeceram a visita. Estavam todos fazendo um "mutirão" para por em ordem as salas.

A uma emissora de TV d. Paulo afirmou que de tudo "sobrou esta juventude boa, confiante e mais unida na construção de um mundo melhor sem invasões e dentro de um clima de harmonia."

A Imprensa D. Paulo concedeu entrevista nos termos:

"É preciso distinguir duas coisas:

Primeiro: — A Reitoria, alunos e professores estão unidos e dispostos a defender a autonomia da Universidade e livre exercício de suas atividades. Que este episódio possa esclarecer para sempre que a Universidade é lugar de debates dos grandes problemas do País e da humanidade.

Este lugar tem que ser preservado para que o País possa encontrar equilíbrio entre os correntes da História e as ideologias. Sem análise científica e sem a informação que a Universidade pode dar, seremos facilmente presas de ganâncias ou até de atos violentos inspirados em tensões não confessadas ou inconfessáveis. A Universidade é que garante à Nação uma linha de pensamento e uma análise futura, tão indispensáveis para o País. É indispensável que ela seja livre e não sofra provocações nem agressões porque estas sóexacerbam os ânimos e tiram a objetividade. Queremos uma verdadeira Universidade: eis nosso objetivo e por ele lutaremos.

Segundo: — Consideramos a Universidade autônoma e ela mesma vai defender-se dentro da Lei, para ressacir-se dos danos materiais e também para defender sua autonomia inviolável.

É importante lembrar que havia toda possibilidade de diálogo pois o Vice-Reitor estava dentro desta Casa. Importante também denunciar que houve alto e verdadeiro vandalismo: danificando-se até instrumentos musicais, objetos de uso indispensáveis.

Além disso, só se entra na Universidade por duas portas:

— a do Vestibular
— através da Reitoria e responsáveis pela Universidade.

Se a polícia não entrar por elas não deve entrar na Universidade.

Esta invasão foi uma afronta à população de São Paulo, que confia seus filhos à Universidade, aos bispos de São Paulo, que fundarem e mantêm esta Universidade, e infelizmente ao Papa que comemora seu 80.o aniversário, porque a Universidade é pontifícia e está sob sua tutela."

Perguntado acerca da relação dos pais e acusações do Secretário de Segurança, D. Paulo comentou:

"As famílias de São Paulo, gostaria de transmitir uma mensagem de tranquilidade. Seus filhos, estando em provas ou participando de outras atividades dentro da Universidade, foram vítimas e não provocadores. Se uma alta autoridade lançou acusação gravíssima de que aqui seria "ponta-de-lança do Partido Comunista", deveria em primeiro lugar informar-se e a informação não pode vir da Polícia. Existem responsáveis que nunca se negam à informação e também à possibilidade de verificar tudo pessoalmente sob ampla garantia da própria Universidade. Classificamos esta acusação de irresponsável diante dos fatos. A Universidade sempre respeitou as autoridades mas também exige respeito. Gostaríamos de dizer aos pais que já reiniciamos as atividades dentro de um clima de absoluta tranquilidade e esperamos não ser interrompidos. A juventude é o que temos de mais precioso e queremos dar-lhe o melhor de nós."

Entidades

Já no dia 23, em Sorocaba, os alunos da Escola de Medicina e Enfermagem da PUC reuniram-se em assembléia de mais de 500 alunos (o total de estudantes beira aos 700). A reação foi unânime e entusiasmada frente às posições da Reitoria. Noutra reunião do dia 26 decidiram enviar delegados simbólicos para ajuda no "mutirão" de limpeza no campus Monte Alegre. O documento dos alunos da PUC-MED foi lido e transcrito nos anais da Camara Municipal de Sorocaba, recebendo apoio da bancada do MDB a qual se fez representar por seu líder na assembléia do dia 26 ao lado de representantes da FGV e da Engenharia de Sorocaba.

O DA Vital Brasil enviou cartas de solidariedade ao Bispo de Sorocaba, à APROPUC e à ADUSP. Por outro lado interrogaram à Diretoria e Associação de Assistentes acerca de sua posição diante da presença ostensiva de policiamento no Campus Sorocaba. Os alunos do Campus Marquês de Paranaguá, da Matemática e Física, representados pelo DA Abraão de Moraes solidarizaram-se com a Reitoria por sua posição frente à invasão e a favor da autonomia universitária. Entendem que o fato mostra às claras que esta autonomia é facilmente violada, o clima é de insegurança geral, não havendo liberdade para que professores, funcionários, alunos e direção se manifestem. Até mesmo seu trabalho é interrompido.

Já o CA de 22 de Agosto, de Direito, um dos mais atingidos, entende que a invasão constraria os princípios mais elementares da Decl. dos Direitos Humanos, além de visar repressália a uma Universidade que sempre procurou ser centro de debates e estudos dos problemas nacionais, dirigida por reitoria democrática e que aceitou a realização em seu campus do 29.º Congresso da SBPC. Reafirmam que sua força não se situa em instalações mas na representação de 1500 alunos, e portanto continuarão funcionando com seu potencial que sempre foi e sempre será humano.

PROFESSORES SE MOBILIZAM

A convite da APROPUCSP estiveram reunidos 200 professores da PUC (3/4 dos presentes), USP, FGV, Unicamp, PUCAMP, Unesp, FAAP; FEI e Objetivo, além de representantes de entidades (Comissão Justiça e Paz, Adusp, Asesp. Ass. Profs. FGV, Aproesp, Comissão de Mães em Defesa dos Direitos Humanos, Movimento Feminino pela Anistia e Centro de Estudos da Região).

O objetivo da reunião era, segundo Sergio Luna, presidente da Apropucsp, criar oportunidade de relatar a humilhação e vergonha da classe docente, mediante uma invasão sem precedentes em SP que afeta a Universidade e o direito de livre expressão.

Ao longo da reunião aparecem-se formação de comissão para redigir uma carta aberta ao Ministro da Educação, outra comissão para encaminhar a criação urgente de Federação Paulista de Profs. Universitários, que congregaria as entidades existentes e as que se criarem. Para este fim seria elaborado ante-projeto de estatutos e a convocaço de uma assembléia geral, dia 22 de outubro.

Também aprovou-se a formação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito na Assembléia Legislativa de SP. para apurar responsabilidades da invasão da PUC, e Medicina da USP, cerco à USP PUC e FGV que feriram a autonomia universitária. Além disso divulgou-se moção de apoio à Reitoria da PUC. Diretor da FGV e repúdio ao Reitor da USP, carta ao Governador exigindo o não enquadramento de estudantes presos na Lei de Segurança Nacional e finalmente envio de apelo aos estudantes para que se unam aos demais setores da população de modo a fortalecer a unidade da luta por liberdades democráticas.

Entrada da Primavera... Não só!

Nós, alunos, funcionários e professores, sentimos "na pele" a quantas anda o respeito pela pessoa humana. Experimentamos de perto o que é tão comum acontecer com nosso povo — a violação de sua casa, sua pessoa invadida e usada da maneira que convém à manutenção de "ordem".

Historicamente a Universidade se caracterizou por ser um lugar onde se permite e incentiva a liberdade de pensamento e livre expressão de diversas ideologias e experiências; e nesse momento isto lhe foi negado, ao ter. esta casa, sua autonomia violada.

Esses acontecimentos deveriam propiciar, agora, uma reflexão mais aprofundada sobre o significado da Universidade e consequentemtnte o papel dos universitários, mais do que uma simples reação de alguém que se sentiu ferido; a fim de se quebrar o ciclo vicioso que ora se coloca. ação policial e reação dos estudantes. Com isso justifica a necessidade de um regime de força. exatamente no momento em que se discute o problema da redemocratização.

Coloca-se, no momento, a importância da unidade dos estudantes em torno de algo que seja realmente significativo para a reconstrução do sentido da Universidade e da própria sociedade.

Achamos que isto se torna possível através de um trabalho de base dentro da Universidade, a começar pelas salas de aula — no questionamento dos próprios cursos que estamos fazendo: que objetivos têm, porque são tão fragmentados, a serviço de quem estão; sua vinculação com a realidade, com as necessidades da nossa população; se a Universidade está sendo aquela "antena sensível que capta as aspirações do povo", como disse D Paulo Arns — e no próprio relacionamento com as pessoas na Universidade. no sentido de ali criar uma convivência profunda que propicie uma revisão dos valores que permtiam nossas ações cotidianas. Isto implica numa mudança de postura de vida. superando o próprio individualismo. Aqui se coloca a tão discutida "formação" do estudante pela Universidade que deveria estar abrangendo todos os aspectos a vida da pessoa e não apenas a dimensão politica e de simples informações teóricas.

Percebemos. assim, como a reconstrução do sentido da Universidade e da sociedade é algo que deve estar acontecendo a cada momento, em cada atitude que se toma.

O questionamento de nossas atitudes não deve se restringir aos momentos das assembléias e atos públicos, mas deve ser algo constante, dentro da nossa vivência na Universidade e fora dela.

Isso não deveria ser apenas conversa. Devemos procurar concretizar uma convivência e relacionamento entre faculdade. Lá devemos refletir nosso significado como pessoas que procsram unificar vários aspectos de sua vida. A partir dessa vivência comunitária, devemos rever o significado da Universidade e sua relação na sociedade.

Um grupo de alunos de Psico, Pedagogia, Eco e Direito

Solidariedade...

(Conclusão da 1.a pág.)

"A forma lacônica deste comunicado é a melhor expressão da nossa profunda vergonha e indignação"

Os Drs. Walter Ceneviva e Miguel Reale Junior foram contratados pela PUCSP para tomar todas as medidas que a Lei faculta a quem é ultrajado.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO

Em reunião do dia 28-09-77, declarou-se em sessão permanente e votou, por unanimidade moções de irrestrito apoio ao Grão Chanceler e à Reitoria da PUC. Virá a público com uma mensagem a ser redigida por uma comissão especial.

Além disto, continuam chegando à Reitoria moções de diversos Conselhos Departamentais, Departamentos, órgãos estudantis, etc.

A UNI-PUC — União dos Ex-Alunos e Amigos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fiel a seus ideais de cooperação com o trabalho da Universidade Aberta à Educação Permanente, não pode deixar de vir à presença de Vossa Magnificência para manifestar sua irrestrita solidariedade neste momento de profunda indignação pela invasão policial ocorrida no Campus da Rua Monte Alegre.

DESAGRAVO AO PE. GARCEZ

A comunidade universitária agradece ao Prof. Pe. Garcez pelo que fez em favor dos alunos e lamenta mal entendido publicado em jornal da capital.